

TEORIA SOCIAL CRÍTICA E GEOGRAFIA: OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA.

*CRITICAL SOCIAL THEORY AND GEOGRAPHY: OBSERVATIONS ON
THE CRITICAL OF EVERYDAY LIFE*

*TEORÍA SOCIAL CRÍTICA Y GEOGRAFÍA: OBSERVACIONES SOBRE
LA CRÍTICA DE LA VIDA COTIDIANA*

RESUMO

Com o alvorecer da Geografia crítica no último quarto do século XX, foi salientado a reafirmação do espaço na teoria social crítica, especialmente o papel do espaço como força motivadora da transformação social, bem como uma virada espacial nas ciências humanas. Nesse contexto, através de extensa pesquisa bibliográfica, propomos uma reflexão sobre as contribuições da crítica da vida cotidiana em Lefebvre e nos Situacionistas para uma aproximação com a realidade socioespacial.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria social crítica, Espaço, Cotidiano.

RESUMEN

Con el alba de la geografía crítica en el último cuarto del siglo XX, se subrayó la reafirmación del espacio en la teoría social crítica, especialmente el papel del espacio como fuerza motivadora de la transformación social, así como un giro espacial en las ciencias humanas. En este contexto, a través de una extensa investigación bibliográfica, proponemos una reflexión sobre las contribuciones de la crítica de la vida cotidiana en Lefebvre y los Situacionistas para una aproximación con la realidad socioespacial.

PALABRAS-CLAVE: Teoría social crítica, Espacio, Cotidiano.

ABSTRACT

The beginning of critical geography in the last quarter of the 20th century increased the space in a critical social theory, the space role for social transformation and the spatial turning in the human science. In this context, through extensive bibliographic research, we propose a reflection based in Lefebvre and the Situationists about critical of everyday life to an approximation with sociospatial reality.

KEYWORDS: Critical social theory, space, everyday life.

RODRIGO JOSÉ DE GÓIS QUEIROZ

*Doutor em Geografia pela
Universidade Federal do
Ceará – UFC.*

joserodrigois@yahoo.com.br

Artigo recebido em:

25/06/2019

Artigo publicado em:

08/07/2020

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta elementos da proposta de crítica da vida cotidiana, no interior da teoria da produção do espaço, relacionando a ciência geográfica com a perspectiva filosófica da teoria social crítica. Nosso interesse pelo tema se pautou na busca de entendimento do método de análise da dialética sócio-espacial e sua crítica do conceitualismo desconectado da realidade vivida. Assim, ao primeiro momento, argumentamos sobre a negligência do espaço na teoria social crítica, que privilegiou o tempo. Com a introdução do aporte de Henri Lefebvre e sua dialética sócio-espacial, vamos ter um encontro da Geografia com a teoria social crítica. Com isso, a crítica do planejamento capitalista do espaço, em detrimento do seu uso social, será um tema recorrente no interior da Geografia crítica.

Nesse contexto, apresentamos alguns aspectos para o entendimento da produção do espaço, em suas especificidades, no interior dos conflitos entre um espaço concebido e um espaço vivido, compreendendo o cotidiano como um momento planejado da vida social que tem como contraponto à crítica da vida cotidiana. Com isso, buscamos um aprofundamento no debate da crítica da vida cotidiana proposta por Lefebvre e os Situacionistas, destacando a centralidade dessa argumentação para o entendimento das relações de poder na produção do espaço contemporâneo.

Para Lefebvre, a cotidianidade, como um momento da totalidade, foi subvalorizada pelas ciências humanas, que a compreenderam apenas como uma parcialidade fragmentaria. Por outro lado, os tentáculos da dominação e suas ciências instrumentais buscam o planejamento da realidade vivida nos seus mínimos detalhes, ao passo que a crítica da vida cotidiana aponta para as possibilidades dos sujeitos sociais no interior dos conflitos na produção do espaço. De todo modo, podemos afirmar que Lefebvre apresenta um conceito amplo de produção, que destaca as características de uma sociedade normatizada pelo planejamento do espaço, mas não nega as possibilidades que surgem nas margens para uma apropriação do espaço.

Os Situacionistas, por sua vez, apresentam a crítica da vida cotidiana como uma crítica da Geografia humana, afirmando que o planejamento do espaço tem como objetivo normatizar a vida cotidiana, com a produção do espaço como mercadoria, no qual os sujeitos sociais se resumem ao papel de espectadores de imagens do espetáculo moderno. Por outro lado, na busca de uma ruptura com a contemplação na produção do espaço, apresentam a construção experimental da vida cotidiana na práxis dos círculos artísticos como uma reviravolta no processo de reificação, alertando sobre as possibilidades de ampliação da construção de situações para outros âmbitos da vida moderna.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A TEORIA SOCIAL CRÍTICA

A teoria social crítica, como uma proposta de análise da realidade, surge no contexto da crítica do marxismo vulgar, especialmente das afirmações que compreendiam uma separação hierárquica no entendimento do modo de produção como uma “base” econômica que determinaria os processos na política e da cultura, entendidas como “superestrutura”. Essa crítica procura demonstrar uma articulação não hierárquica entre os processos econômicos, políticos e culturais, superando a separação engendrada pela apropriação vulgar do método dialético.

Nas palavras de Gottdiener (2010, p.115): “A escola de Frankfurt especificava a formação social existente [...] mostrando que os fenômenos “superestruturais”, como a política ou a cultura, atuavam de modo muito semelhante à “base””. Tais autores apresentaram um avanço significativo no debate teórico, culminando com um impulso humanista, que se notabilizou pela crítica das teorias economicistas vigentes. De todo modo, pode-se dizer que no âmbito das teorias desenvolvidas nessa perspectiva houve uma negligência do componente espacial em suas análises.

O geógrafo Edward Soja (1993) adentra ao debate sobre o espaço afirmando que a teoria social crítica deu vazão ao longo de sua produção teórica muito mais ao tempo do que ao espaço, relegando este último para a penumbra, ao afirmar

que o tempo, em sua dimensão processual, se associa ao devir, ao passo que o espaço seria uma dimensão fixa¹. Em suas palavras: “o espaço ainda tende a ser tratado como fixo, morto e não-dialético, e o tempo, como riqueza, a vida, a dialética” (Soja, 1993, p.18).

Contudo, no final dos anos 1960, se observa uma virada espacial no marxismo ocidental, especialmente com os trabalhos de Henri Lefebvre, no qual Soja (1993) afirma ser a origem da relação entre a Geografia e a teoria social crítica, a partir de temas como a espacialidade do ser, da modernidade e do poder, se apresentando como: “a fonte primordial do ataque ao historicismo e da reafirmação do espaço na teoria social crítica” (Soja, 1993, p.54).

Nesse contexto, Soja (1993) argumenta que Lefebvre funda uma dialética sócio-espacial, ao observar que o espaço expressa as relações sociais, mas também reage sobre elas. Para Lefebvre, o espaço é entendido como uma força motivadora da transformação social no pós-segunda guerra mundial, pois não age como uma mera “super-estrutura”, é fundamental. Assim entendido, “as relações sociais e espaciais são dialeticamente inter-reativas, interdependentes” (Soja, 1993, p.103). Ao mesmo tempo que as relações entre espaço e tempo não são hierarquicamente compreendidas, mas dialeticamente relacionadas na dimensão do espaço-tempo.

Nesta mesma linha de raciocínio, refletindo sobre o pensamento geográfico na passagem

1. “Isto é, a maioria dos marxistas rejeitam a necessidade de uma teoria distinta do espaço, em favor de uma análise política e econômica das relações sociais desenvolvidas espacialmente, com base na luta biculturalista entre capitalistas e trabalhadores” (Gottdiener, 2010, p.126).

de uma teoria da “organização do espaço”, muito associada a uma Geografia teórico-quantitativa, para uma teoria da “produção do espaço”, Damiani (2008, p. 196), argumenta: “a Geografia deixa de ser periférica no interior de uma teoria social crítica, e passa a lhe ser constitutiva”.

Esta autora afirma que a Geografia, por muito tempo, foi tributária de uma lógica formal, que buscava alimentar o planejamento espacial, se constituindo em uma lógica espacial. Em suas palavras:

Do ponto de vista lógico-abstrato, a passagem mais complexa é a da metamorfose da lógica espacial em dialética espacial. Mesmo um marxismo na Geografia conviveu com uma lógica espacial formal. A influência, nesse momento, era a do marxismo estruturalista. Apesar das resistências, admite-se, entre os pensadores da Geografia, a influência de Henri Lefebvre nessa ruptura (Damiani, 2008, p. 24)².

A crítica de Damiani (2008) à lógica espacial formal faz sentido, na medida em que tradicionalmente o espaço foi ligado à visão matemática, foi analisado cartograficamente apenas pela noção de tamanho, ambiente construído, superfície terrestre e/ou substrato material, ao passo que certas leituras o compreendem apenas como reflexo das estruturas. Em tempo, a Geografia teórico-quantitativa na ânsia da planificação espacial, coloca a dedução como primordial, considerando o espaço como um vazio e negando os sujeitos. A perspectiva da “organização do espaço”: “propõem-se, idealisticamente, como “coisa” de Estado, de Técnica, de Economia, de Saber-poder e não de vivência” (Damiani, 2008, p. 208).

Por outro lado, a proposta da

produção do espaço desloca a concepção teórico-abstrata de espaço para um entendimento do espaço como uma realidade vivente. Para Damiani (2008, p. 32): “a Geografia definida como clássica, de modo geral, acreditava na forma do Estado, como civilizatória. [...] incluía uma análise positiva do moderno processo de colonização”. Já a Geografia crítica, como crítica do espaço abstrato, busca “generalizar a crítica do processo de desumanização” (Damiani, 2008, p.33).

De acordo com Damiani (2008), pode-se dizer que a perspectiva da “organização do espaço” abstrai as qualidades vivas do espaço e seu processo de produção. Apoiados em categorias abstratas, fazem um salto, pulando justamente o essencial: a vida. Em suas palavras: “o espaço vivido, ou o viver no espaço, está ao nível das práticas sociais e espaciais, que são, profundamente, reduzidas pela produção do espaço abstrato” (Damiani, 2008, p.213).

Avançando na discussão para um entendimento sobre a produção do espaço, na acepção lefebvriana, temos uma tríade dialética na análise da produção do espaço: o percebido (“prática espacial”), o concebido (“representação do espaço”), o vivido (“espaços de representação”). Antes de tudo, Lefebvre (2013) deixa claro que a triplicidade como método de análise da produção do espaço perde seu alcance caso o pesquisador lhe atribua o estatuto de um modelo abstrato e apriorístico. Sendo assim, o autor destaca que a prática es-

2. Abreu (1994) argumenta sobre a inserção do pensamento de Henri Lefebvre na Geografia brasileira através da participação de alguns professores do departamento de Geografia da USP no grupo de estudos sobre o autor promovido por José de Souza Martins, consubstanciando uma corrente marxista-lefebvriana na Geografia.

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

3. "Teoria unitária do espaço que sintetiza o natural (quadro físico), o mental (os espaços de representação e ou representações do espaço) e o social, com a prática correspondente, vista já, como prática espacial. Formula-se assim, o conceito de espaço social. Para operar com ele é preciso ir discernindo três níveis do real: percebido, o vivido e o concebido, em cuja assincronia se apreciariam confrontos e conflitos, o movimento do devir." (SEABRA, 1994, p. 9)
4. (Internacional Situacionista, 2007)

pacial diz respeito a particularidade de "lugares específicos e conjuntos espaciales propios de cada formación social" (Lefebvre, 2013, p. 92), que podem ser apreendidas através do movimento analítico-sensível dos sujeitos envolvidos e/ou pesquisadores.

Já as *representações do espaço*, ligadas às relações de produção e à ordem (próxima e/ou distante) que elas impõem, dizem respeito ao "espacio concebido, el espacio de los científicos, planificadores, urbanistas, tecnócratas" (Lefebvre, 2013, p.97), ou seja, a projeção dominante do/no espaço, ao passo que os *espaços de representação* são "el espacio vivido a través de las imágenes y los símbolos que lo acompañan, y de ahí, pues, el espacio de los <habitantes>, de los <usuarios>" (Lefebvre, 2013, p.98).

Para Lefebvre, as representações do espaço (ou espaço concebido), permeadas pelo poder de dominação, ligadas a dimensão econômico-política, do Estado e do mercado, procuram dominar os espaços de representação (ou espaço vivido), por sua vez ligado à memória coletiva e/ou individual de um conjunto de sujeitos em busca da resistência social. O espaço concebido também busca uma homogeneização das práticas espaciais (ou espaço percebido). Indubitavelmente, tem-se a dialética entre dominação e apropriação que surge como proposta teórica para análise da produção do espaço³.

Com isso, observamos o desenvolvimento de uma crítica da vida cotidiana, desdobran-

do em uma dialética relacional na qual a análise crítica é permeada pela auto-crítica de um sujeito emerso na totalidade social. Nessa dimensão, as contradições espaciais extrapolam as possibilidades de análise calcadas no paradigma estrutural, abrindo portas para observação de certos processos do acaso e do previsível que se dão no vivido, no caminho de uma construção experimental da vida cotidiana⁴. Ao atentar para a dimensão da totalidade presente no âmbito do vivido, esta perspectiva apresenta a crítica da separação (sujeito/objeto; universalidade/particularidade; essência/aparência) como fundamento para o avanço de uma análise processual que abrange os inúmeros aspectos presentes na tensão do cotidiano.

Nesse sentido, é fundamental compreender que o sensitivo vivenciado na práxis cotidiana se apresenta com uma dimensão da totalidade. Para Lefebvre (1969, p.91): "O estudo das marginalidades e processos que operam nas fissuras não pode rejeitar para a penumbra o conhecimento dos fenômenos centrais e globais, notadamente os das relações de produção e de propriedade, dos conflitos e contradições que aí nascem".

Trata-se de compreender que "as relações de produção de toda a sociedade formam um conjunto, [este] é o ponto de partida metódico e a chave do conhecimento histórico das relações sociais" (Lukács, 2012, p.78). Não se trata de um todo já formalizado, pronto e acabado, uma totalidade monolítica, mas de uma articulação de pro-

cessos diferenciados sob a luz da dominação da forma da mercadoria. Outrossim, “a categoria da totalidade não reduz seus elementos a uma uniformidade indiferenciada” (Lukács, 2012, pp.83-84). A totalidade pode facilmente ser reconhecida nos acontecimentos cotidianos mais simples.

A análise teórica desloca-se, pois, dos fatores econômicos (separação entre base e super-estrutura) para uma análise dos sujeitos na produção do espaço. O cotidiano, normatizado pelo planejamento do espaço como mercadoria, em seu processo de alienação dos sujeitos, é um setor atrasado da vida social, colonizado por outros setores como a técnica e a economia, mas é também nele que se encontram as possibilidades de superação de tais condições, tendo em vista as brechas que surgem do saber fazer experienciado, abrindo possibilidades construtivas na produção do espaço.

Como resultado dos conflitos na produção do espaço, temos o engodo de negação do vivo (pessoas) e valorização do morto (mercadoria), propiciado pelas articulações intercapitalistas mediadas por seus agentes, na qual se inclui a própria ciência, como um impulso no saber e na técnica, uma força produtiva associada ao planejamento do espaço. Contudo, ao contrário da ciência abstrata racionalista de falsificação dos processos e esquecimentos proposital, a crítica da vida cotidiana apresenta a crítica prática de uma espacialidade alienada e o desvendar da memória social. A crítica da vida cotidiana

faz um contraponto ao esclarecimento moderno, compreendendo que este contribui para transformar tudo em números em defesa da estruturação.

O racionalismo moderno como uma resposta no interior da forma da mercadoria, provoca um esquecimento proposital da história de suor e sangue, da produção real da vida, abstraindo das particularidades, valorizando apenas o quantificável. Por outro lado, no caminho da Geografia crítica, acreditamos que se faz necessária uma reconstrução das trajetórias sociais e da memória de produção da espacialidade.

A crítica marxista estruturalista na Geografia se equivocou justamente em pensar o espaço numa visão de sobrevôo⁵, em sua falta de contato com os agentes. Apoiados em categorias abstratas, fazem um salto, pulando justamente o essencial, a vida. Não compreendendo as tramas, articulações e conflitos de classe na produção do espaço, fogem para um não entendimento, embebidas do absolutismo econômico, que se desdobra na famosa estrutura. Para Damiani (2008, p.209), a perspectiva de “sobrevôo materialista” surge dentro da concepção de organização do espaço, na qual se estabelece um nexos entre o Estado, a privatização e o domínio do espaço.

No âmbito da história do pensamento geográfico, podemos fazer um resgate e verificar uma reiteração na teoria estruturalista da lógica formal de separação entre dois polos epistemológicos, qual seja, universal e particular, especificamente

5. Ver: SOUZA (2016, p.103) sobre a negligência da análise do cotidiano e a predileção pela “visão de sobrevôo” na Geografia.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

6. "Retomando inúmeros conceitos ratzelianos, tal como o do *lebensraum* (espaço vital) e os dos geógrafos americanos e britânicos (como Mackinder), o general geógrafo Karl Haushofer (1869-1946) dá, em seguida à primeira Guerra Mundial, um impulso decisivo à geopolítica. [...] A geopolítica hitleriana foi a expressão, a mais exacerbada, da função política e ideológica que pode ter a geografia." (Lacoste, 2012, p.24).
7. "É a forma do sujeito capitalisticamente constituída que representa o denominador comum do esclarecimento burguês, bem como do contraesclarecimento burguês; e a esquerda até hoje atuante se acha, também ela, trancafiada em tal forma. O inconcusso limite só pode ser rompido quando o impulso emancipatório tiver ido longe o bastante para colocar em mira essa forma universal do sujeito à base do moderno sistema produtor de mercadorias." (Kurz, 2010, p. 32)
8. "Esta crítica da razão [...] se afasta do materialismo mecanicista do marxismo da época, marxismo confiante na noção de progresso e

pelo uso de conceitos abstratos e generalistas na análise socioespacial. Gomes (1996) alerta para a influência positivista na separação entre dois polos epistemológicos da Geografia. Nesse caso, identificamos as aproximações do racionalismo abstrato e a perspectiva da razão instrumental na Geografia tradicional, especialmente nas teorias expansionistas⁶, bem como nas perspectivas de organização do espaço, negando as possibilidades de análise da particularidade e respeito à diferença.

Para Adorno e Horkheimer (1985), contraditoriamente, o esclarecimento como projeto da modernidade, contrariou o objetivo de livrar os homens do medo do desconhecido e investi-los na posição de sujeitos da história⁷. Para tanto, utilizou da ciência como meio de dominação através da instrumentalização da razão, com o fim de moldar o mundo ao seu bel prazer, atacando as diferenças em busca da homogeneização.

Para estes filósofos, a crítica do esclarecimento como crítica da modernidade se faz na medida em que a promessa do progresso e do desenvolvimento, como humanização do homem, acabou se tornando uma nova espécie de barbárie⁸, associado ao desenvolvimento de uma ciência positiva de valorização do crescimento econômico e do progresso. Assim: "Se se tratasse apenas dos obstáculos resultantes da instrumentação desmemoriada da ciência, o pensamento sobre as questões sociais, poderia, pelo menos, tomar como ponto de partida

as tendências opostas a ciência oficial" (Adorno e Horkheimer, 1985, p.12).

As tendências opostas à ciência oficial, através da razão crítica, são aquelas que apresentam uma visão negativa da barbárie moderna, buscando uma crítica da razão instrumental desmemoriada da ciência. A valorização positiva da modernidade encontra campo fértil na ideologia, em suas palavras: "a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada" (Adorno e Horkheimer, 1985, p.16).

No plano das teorias do espaço, observa-se a dimensão ideológica do planejamento do espaço, associado ao espaço concebido, no que diz respeito a produção de "condições gerais de produção" para um pleno crescimento econômico capitalista. Tal perspectiva endossa a visão sobre as ciências oficiais, especialmente no que diz respeito a negação da dimensão social do espaço. Como podemos observar:

A principal contradição espacial da sociedade é a confrontação entre espaço abstrato, ou a exteriorização de práticas econômicas e políticas que se originam com a classe capitalista e com o Estado, e espaço social, ou espaço de valores de uso produzidos pela complexa interação de todas as classes na vivência diária (Gottdiener, 2010, p. 131).

Vale destacar a dimensão conflituosa e de luta política na produção do espaço entre o espaço abstrato ou planejado e o espaço social vivido, pois a sociedade capitalista tem como projeto a homogeneização das relações sociais no sentido da mercadoria. Para Lefebvre (2013), dissolvendo relações sociais, o espaço abstrato fun-

CONTINUA...

ciona positivamente ligado ao poder, pois “la primacía especulativa de lo concebido sobre lo vivido hace desaparecer con la vida” (Lefebvre, 2013, p.94). O autor reitera: “Este espacio abstracto [...] espacio formal y cuantitativo niega las diferencias, tanto las que proceden de la naturaleza y del tiempo (histórico), como las que vienen del cuerpo, la edad, el género y la etnia” (Lefebvre, 2013, p.108).

No âmbito dos conflitos associados à dominação e apropriação, valor de troca e valor de uso na produção do espaço, Lefebvre relata que o entendimento da luta de classes passa por novos conteúdos, devendo ser analisada em outro sentido daquele restrito ligado unicamente ao aspecto econômico, destacando: “las formas de esta lucha son mucho más variadas que antiguamente. Desde luego, las acciones políticas de las minorías forman parte de esta lucha” (Lefebvre, 2013, p. 113).

Para o autor, existe um conflito entre o espaço abstrato e espaço diferencial, na contradição entre as propostas de homogeneização do espaço em seus projetos de dominação em contraponto aos diversos grupos sociais oprimidos. Para ele “la lucha de clases puede leerse en el espacio actualmente más que nunca. A decir verdad, sólo ella impede la extensión planetaria del espacio abstracto disimulando todas las diferencias” (Lefebvre, 2013, p. 113). Desse modo, na perspectiva da resistência, temos os espaços diferenciais, pois “sólo la lucha de clases tiene capacidad diferencial” (Lefebvre, 2013, p.113).

Contraditoriamente, destaca Seabra (1994), esse conflito entre espaço abstrato e espaço social, discutido como movimento moderno, não tem conseguido suprimir os resíduos e as resistências, conformando uma sobreposição de tempos e espaços que sobrevivem como cultura. Em suas palavras: “o vivido, mesmo levado ao irrisório pelo concebido da vida, continua porque senão é a morte!” (Seabra, 1994, p. 12). De todo modo, nas palavras de Gottdiener (2010, p. 147): “Para Lefebvre, a essência desse espaço é a vida cotidiana”, e é nela que vamos centrar nossa análise.

Vale salientar o contexto de produção da crítica da vida cotidiana como uma leitura da realidade socioespacial. Lefebvre foi pioneiro⁹ ao lançar a proposta de crítica da vida cotidiana nos anos 1946, com uma leitura aprofundada da dimensão dialética da práxis, contudo, inspirado pelo seu tempo, pela percepção artística da experiência do espaço-tempo nas poesias de Baudelaire, Rimbaud e Lautréamont, na literatura de Flaubert, na produção artística dos Dadaístas, Surrealistas e Construtivistas. Na esteira da proposta de Lefebvre, os Situcionistas foram os primeiros a captar as implicações políticas da crítica da vida cotidiana¹⁰ e seu desenrolar no espaço e no tempo, compreendendo a dimensão de dominação no interior da teoria da alienação e as possibilidades de apropriação na crítica da alienação. Assim, buscamos levantar os elementos para leitura dessa proposta.

que confunde progresso nos desenvolvimentos da ciência e da técnica com o desenvolvimento da humanidade enquanto tal, ocultando as regressões da sociedade, procedimento esta que impossibilita compreender as periódicas recaídas na barbárie” (Matos, 2006, p. XVI).

9. “O primeiro volume da *Crítique de la vie quotidienne*, que tem como subtítulo <introduction>, assevera a importância da vida cotidiana, dimensão tão fundamental como desconhecida da existência humana – Lefebvre considerará, mais tarde, ser esta descoberta de uma importância comparável à da análise freudiana da sexualidade e à da análise marxiana do trabalho. Pela primeira vez o quotidiano é tratado de um ponto de vista crítico e marxista. [...] Lefebvre defende a riqueza, pelo menos potencial, da vida cotidiana; vê nela, e não nos momentos excepcionais, o espaço da realização humana. [...]” (Jappe, 2008, p.96).

CONTINUA...

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

10. “Os situacionistas foram os primeiros a perceber as implicações e consequência da crítica da vida cotidiana. Conforme eles próprios confessaram, devem muito a essa obra cujo primeiro volume (introdução) apareceu em 1946. Quase sozinhos, durante um período difícil, eles preservaram, tomando preciso seu real alcance, a palavra de ordem essencial da revolução: mudar a vida. Defenderam a teoria da alienação, procurando apura-la, e isto sem se prevalecerem de um humanismo filantrópico. Defenderam-na contra todos os ataques. Foram os primeiros a compreender a importância dos problemas urbanos e de uma crítica do urbanismo atual como ideologia” (Lefebvre, 1969, pp. 168).

1.2 CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA: OBSERVAÇÕES A PARTIR DE LEFEBVRE

No primeiro volume da introdução da crítica da vida cotidiana, Lefebvre propõe um retorno às obras da juventude de Marx, na qual “o termo produção readquire um sentido amplo e vigoroso.[...] A produção não se reduz à fabricação de produtos” (Lefebvre, 1991, p.37). De acordo com o autor, a produção num sentido amplo versa sobre a dimensão processual de leitura do espaço e do tempo, entendida como uma produção de relações sociais.

Nesse encaminhamento, pensando a produção do espaço, Lefebvre (2013) apresenta um duplo sentido no entendimento da produção. No primeiro uma acepção ampla, caracterizada pela influência hegeliana nas obras da juventude de Marx, em que produção significa criação e se aplica à arte, à ciência, as instituições, às atividades práticas em geral, sendo compreendida como momento da produção de valores, produção social da vida. Em sua acepção restrita, herdada dos economistas, na obra madura de Marx, apresenta-se um caráter preciso, empírico, produção de bens como alimentação, vestuário, habitação, produção de coisas, enfim, produção industrial.

Para Lefebvre (2008, p. 48): “O espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção.” E diz mais: “para compreendê-la, é preciso tomar como referência a reprodução das relações de produção, e não

a produção no sentido restrito dos economistas”(Lefebvre, 2008, p.48). O autor arremata: “trata-se da produção no sentido amplo: produção de relações sociais [...]. É nesse sentido que o espaço inteiro torna-se o lugar dessa reprodução”(Lefebvre, 2008, pp. 48-49).

Assim, o conceito de produção ampla ganha vigor, pois: “designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais) [...] Ele designa também a produção do ser humano por si mesmo no decorrer do seu desenvolvimento histórico” (Lefebvre, 1991, p.37). Por conseguinte, sobre o primeiro volume de sua crítica da vida cotidiana, Lefebvre afirma: “é na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis. Essa é a afirmação fundamental ou se se prefere, o postulado teórico desta introdução” (Lefebvre, 1991, p.38). Trata-se de uma crítica da filosofia como um conhecimento separado que pretende ser superior, mesmo em sua distância da realidade.

Em uma perspectiva teórica, ele observa que o campo das artes, especialmente a literatura e a música, sempre tiveram uma maior sensibilidade para leitura do cotidiano. A música, diz ele, revela a essência escondida da vida de todo dia; teriam os músicos muito a ensinar sobre esse enigma. Na música “tudo é vital e vitalidade é sensibilidade” (Lefebvre, 1991, p.26). Afinal, é no cotidiano que se tem prazer ou sofrimento, algo que as ciências com sua visão estática e fixa do que é científico, estão longe de captar.

O estudo da vida cotidiana traz à tona um campo de conflitos entre o racional e o irracional, pois visa virar pelo avesso esse mundo em que os determinismos e as opressões passam por racionais, reestabelecendo os direitos de apropriação, esse traço característico da atividade criadora. Para Lefebvre (1991), no que diz respeito à crítica da vida cotidiana, temos uma pesquisa vasta sobre fatos desdenhados pelos filósofos, com base em um pensamento autocrítico que visa reagrupar os fatos no interior de uma teoria.

Destarte, como reflexão sobre uma realidade parcial(a cotidianidade), a análise não poderá dispensar teses nem hipóteses sobre o conjunto da sociedade. Para Lefebvre (1991, p. 34): “a crítica da vida cotidiana implica, pois, concepções e apreciações em escala de conjunto social.[...] retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial.” Contudo, sabe-se que na sociedade moderna, pelo contrário, observa-se a valorização da atividade repetitiva (trabalho), impulsionada pela promessa da produtividade econômica, culminando no fato de que “a alienação social transforma a consciência criadora numa consciência passiva e infeliz” (Lefebvre, 1991, p.40).

A alienação afasta o cotidiano da sua riqueza. Dissimula esse lugar da produção e da criação, colonizando-o e recobrando-o com o falso esplendor das ideologias. Nessa perspectiva, o desprezo para com as experiências vividas resulta em uma liberação de enormes

massas de significantes mal ligados a seus significados ou separados deles, consolidando uma cotidianidade programada. Em suas palavras: “forças políticas e formas sociais convergem nesta orientação: consolidar o cotidiano, estruturá-lo, torná-lo funcional” (Lefebvre, 1991, p.73). Nessa contradição, salienta-se que as relações cotidianas estão impregnadas da racionalidade mercantil, transformando cada vez mais o vivido em uma representação, submetida a uma “gestão totalitária” que molda até os nossos modelos de comportamento.

Em um aprofundamento, destaca-se que a crítica da vida cotidiana é tributária de Marx, com conceitos que aplica na análise da sociedade atual: “Esses conceitos ora às obras da juventude (apropriação, práxis, poeisis, alienação) – ora às obras da maturidade (a forma valor no Capital)” (Lefebvre, 1969, p.133), são amplamente fertilizados pelo entendimento da vida social como uma práxis humana em transformação e autotransformação crítica, tendo em vista ser o cotidiano como momento privilegiado para análise e crítica, visando sua superação. Em suas palavras: “Lo cotidiano há sido elevado al concepto. Como? A través de la crítica de la filosofía por la práxis” (Lefebvre, 1983, p.107).

Nessa proposta, o cotidiano passa a ser compreendido como “práticas fragmentadas, parcelarias, locais, homogêneas y dominadas por sistemas de relaciones de equivalências” (Lefebvre, 1983, p.204). Por



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

11. “Numa sociedade e num tempo de abundâncias possíveis, inclusive e especialmente abundância de tempo para desfrute das condições de humanização do homem, em que a necessidade de tempo de trabalho é imensamente menor do que era há um século, uma das grandes pobreza é a pobreza do tempo” (Martins, 2000, p.118).
12. O primeiro volume da crítica da vida cotidiana observa que “a exploração crítica desse real próximo e pouco valorizado, o cotidiano, ligava-se então a um humanismo,” quer seja do “surrealismo ou existencialismo” (Lefebvre, 1991, p.40)

um lado, Lefebvre destaca o processo de dominação, que transformou o tempo e espaço em raridade¹¹, tendo em vista que os agentes econômicos políticos produtores da modernidade capitalista renegam as possibilidades de ampliação dos usos técnicos da sociedade.

Nestas condições, a intervenção de um grupo social, como um “agente sócio-econômico-político”, uma inteligência preparada para utilizar metodologias de economia em prol de racionalizar o mercado: “pode pelo menos restabelecer provisoriamente a coerência de uma sociedade que não constitui uma totalidade espontânea” (Lefebvre, 1969, p.16). Contudo, o planejamento racionalista encontra seu limite na crise societária e no movimento abstrato da dominação fantasmagórica da forma da mercadoria. Em sua análise da política do espaço no plano contemporâneo fica bem claro a crise do planejamento econômico político, quando destaca que no plano do Estado, da produtividade e do crescimento ilimitado, a economia política com suas bases científicas engendrou suas próprias contradições, com: “a reconhecida incapacidade de construir um “modelo” garantindo o crescimento sem inflação e sem desemprego, estabelecendo a possibilidade de um crescimento “harmonioso” nos marcos existentes” (Lefebvre, 2008, p.114).

De acordo com Lefebvre (1968), o planejamento da sociedade tecnocrática está associado à ciência estruturalista, apresentando uma estreita

noção do real, pois elimina a exploração do campo de possibilidades e impossibilidades, separando-se do real, em última instância. Além disso, negar as classes sociais como sujeitos ativos no modo de produção capitalista é um dos seus principais erros metodológicos. Esta perspectiva considera as transformações sociais como eventos na estrutura, coisificando a realidade social.

Com efeito, uma proposta crítica, de acordo com Lefebvre, (1983, p.121), seria: “ampliar el analisis contextual, el de las condiciones. Esas condiciones fueron concebidas de manera estrecha; se las redujo a lo econômico, a lo sociológico, a lo histórico tomado separadamente. Se descuido las obras de arte, la ciudad, la música”. Contudo, a crítica da vida cotidiana não elimina o tempo da pesquisa, como busca do novo no processo social, entendendo, como aponta Lefebvre, (1969, p.133), que: “os conceitos devem ser retomados, apurados, completados através da apreensão de um conteúdo. A análise dialética é exercida sobre problemas: a definição e a caracterização da sociedade atual, o problema agrário, o problema da cidade, o do Estado [...]”.

Trata-se da dimensão da práxis como uma possibilidade de intervenção social do sujeito histórico e como possibilidade de sua análise como processo¹². Como ele argumenta “eivar-se sobre o mundo pela reflexão pura, em realidade, é permanecer prisioneiro da pura reflexão” (Lefebvre, 1979, p. 21), pois a solução de oposições

teóricas se dá na prática¹³. Para Lefebvre, a noção de Práxis pressupõe a reabilitação do sensível e a restituição do prático sensível. Nas palavras de Lefebvre (1979, p.26): “fonte de inesgotável riqueza a ser conquistada, o prático-sensível nos conduz à práxis. Ele possibilita incessantes revelações, bastando abrir os olhos para que se perceba a amplitude da práxis nesta obra humana que vai até as paisagens, às cidades [...]”.

Nesta teoria, as dimensões de dominação e apropriação surgem como centrais na análise da práxis cotidiana, na qual o cotidiano é a fronteira entre o dominado(alienação) e o não-dominado(desalienação). Em suas palavras, “Esse jogo complexo de repressão e de escapatórias, de opressões e de apropriações preenche a história da vida cotidiana” (Lefebvre, 1991, p.156). Ou em outro texto, quando afirma: “em que consiste el movimiento dialectico? Em que hay contradiccion entre la apropiacion (em el sentido amplio que incluye el saber y la cultura) y la propiedad (privada, o sea que implica una privacion)” (Lefebvre, 1983, p.170).

Na introdução da crítica da vida cotidiana de 1946, Lefebvre ressalta dois quadros da vida cotidiana, sendo o primeiro de *miséria do cotidiano*, com o predomínio do repetitivo, destacando a sobrevivência da penúria na vida das classes proletárias¹⁴, com o prolongamento da escassez e o domínio da economia. No segundo quadro, é ressaltada a “*grandeza do cotidiano* [...] a prática incompre-

endida: a apropriação do corpo, do espaço e do tempo, do desejo. A moradia, a casa. O drama, que não pode reduzir ao número. O trágico latente do cotidiano” (Lefebvre, 1991,p.42).

Estes quadros apresentam o conflito entre o apropriado e o não-apropriado(dominação), a mediação entre estes termos, eis a dialética da vida cotidiana. Nesta obra, a busca por revelar a riqueza escondida sob a aparente pobreza do cotidiano, “descobrir a profundidade sob a trivialidade, atingir o extraordinário do ordinário, só era claro e talvez verdadeiro quando feito com base na vida dos trabalhadores, exaltando sua capacidade criativa” (Lefebvre, 1991, p.44).

A vida cotidiana se apresenta como senso-comum, como mundo real em relação ao ideal (conceito de mundo). Diante da vida cotidiana, a vida filosófica pretende ser superior e descobre que é vida abstrata e ausente, distanciada, separada. O cotidiano não seria apenas um grau inferior da reflexão e do vivido em que essas duas formas da experiência se confundiriam. Seria algo mais, um “momento composto de momentos” (Lefebvre, 1991, p.20), por outro lado, para este filósofo, o conhecimento científico não pode conservar apenas com referências do senso-comum: “Ele comporta uma crítica da vivência, o que não significa a eliminação da vivência, mas um esforço para compreendê-la e situá-la” (Lefebvre, 1969, p.114).

Assim, no âmbito do modo de produção capitalista, “a va-

13. “O ponto mais alto a que leva o materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não concebe o sensível como atividade prática, é a contemplação dos indivíduos singulares na “sociedade burguesa.” (Marx, 2007, p.539)
14. O proletariado “não é um espectador imparcial desse processo. [...] Não somente porque a própria classe se transformou em classe aos poucos, numa luta social incessante, começando pelos atos espontâneos e inconscientes de defesa desesperada e imediata” (Lukács, 2012, p.99).

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

15. "Henri Lefebvre aplicou aqui uma extensão da ideia de desenvolvimento desigual para caracterizar a vida quotidiana, deslocada mas não separada da historicidade, referindo-a como um sector atrasado." (Internacional Situacionista, 1997, p.76)
16. "[...] De todas as nossas análises, daquelas anteriores e daquelas que se seguem, resulta que a lei do desenvolvimento desigual se tomou essencial. O desenvolvimento desigual, cujo conceito e lei foram isolados por Lenin, estende-se aos países, regiões, domínios, setores da economia, da cultura, da ciência, aos ramos da indústria, às empresas e partes das empresas etc. Em particular, a vida quotidiana constitui um setor mal desenvolvido e ao mesmo tempo super-organizado (isto é, ao mesmo tempo atrasado e saqueador) desta sociedade burocrática de consumo dirigido." (Lefebvre, 1969, pp.15-16)
17. Nesta retomada da teoria do desenvolvimento desigual, fica claro uma certa concepção da relação entre o espacial e o temporal, "a questão do âmbito dos processos sociais, isto é, da sua referencia espacial está

lorização da atividade criadora tende a desaparecer, o "racional" e o organizado tomam seu lugar." (Damiani, 1993, p.11). Tem-se assim, um embate entre o quantitativo e seu espaço homogêneo, sujeito a compra e venda, contra o qualitativo e suas formas de uso e criatividade, consubstanciando uma colonização do uso pela troca, uma negação do vivo no interior do modo de produção em favor do morto, ou seja, da mercadoria.

O cotidiano como categoria de análise surge da inquietação em torno do desnível entre as conquistas humanas no que diz respeito à técnica e à ciência avançadas e, por outro lado, ao subdesenvolvimento da vida cotidiana.¹⁵ Em suas palavras: "É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre" (Lefebvre, 1991, p.27). Contraditoriamente, apesar disso, o cotidiano surge como promessa de uma vida assegurada, "quando o banal do dia a dia, como se alimentar, vestir-se, alojar-se, locomover-se, produzir, faz parte da vida de forma segura" (Damiani, 1993, p.20).

Esta é a problemática levantada por Lefebvre no primeiro volume da crítica da vida cotidiana no que diz respeito à aspiração em geral de escapar da insegurança e da miséria, estabelecendo sua vida cotidiana¹⁶. Em uma mediação para leitura da crítica da vida cotidiana no Brasil¹⁷:

Países como o nosso, onde sobrevivem problemas de carências elementares, significaria que milhões de pessoas estão vivendo o infra-cotidiano. Aqueles que vivem nas favelas e cortiços, convivendo com a possibilidade iminente da perda da casa, têm na casa própria a ascensão ao

cotidiano (Damiani, 1993, p.21).

A crítica da vida cotidiana destaca a escandalosa pobreza social diante do que a ciência e a técnica tornou possível com o desenvolvimento à exaustão do modo de produção, retratando a desigualdade no acesso à modernidade. Versa sobre a colonização do social, na qual se dá "o avanço do econômico em relação ao social, este atrasado em relação aquele. O econômico anuncia possibilidades que a sociedade não realiza ou realiza com atraso" (Martins, 2000, p.117).

Em termos metodológicos, trata-se de destacar as possibilidades da crítica da vida cotidiana na busca do entendimento da práxis humana através da produção da espacialidade e da memória, como um meio de afirmação daqueles que foram incluídos precariamente, pois o subúrbio, para Martins (1992), é essencialmente o lugar do sofrimento e da tragédia. Contudo, "essa dimensão da vida social e sua história implica em lidar com o tempo numa escala muito fragmentária, o que impõe ao pesquisador a preocupação com o detalhe e a minúcia" (Martins, 1992, p.19).

Para Martins (1992), a crítica da vida cotidiana trata da história circunstancial, na qual o tempo e o espaço não podem ser separados, em suas palavras: "a história do cotidiano não tem sentido quando separada do cenário em que se desenrola" (Martins, 1992, p.19). Além do que, não faz sentido adotar uma perspectiva triunfalista na análise do cotidiano, privilegiando a ação do con-

quistador e não do colonizado, trata-se da necessária superação da análise do cotidiano mediada pela visão dos vencedores.

Por consequência, buscamos o entendimento da utopia da produção do espaço como um processo em construção a partir da necessidade de participação ativa dos sujeitos historicamente vencidos, no sentido de uma festa autogestionária, uma apropriação do espaço, indicando a abertura ilimitada do possível, anunciando perspectivas de uma festa perpétua. Nesse sentido, tem-se a necessidade de revolucionar as perspectivas de produção do espaço, buscando a isenção de todo sentido utilitário. Assim, surgem possibilidades da construção de uma sociedade que predomine o desejo sobre a necessidade, buscando alçar a condição de ser humano e não apenas de sobreviver sob os ditames do tempo organizado e programado.

Nas palavras de Lefebvre: “o mundo é oferecido como espetáculo – exteriorizado, transformado em objeto conforme o modelo da imagem e do signo subtraído da participação ativa” (Lefebvre, 1969, p. 23). Para ele, a sociedade como espectadora se submete a novas relações de sujeição, com a instituição do cotidiano normatizado, objeto de planejamento dos tecnocratas.

Por outro lado, mesmo enfatizando as características de uma sociedade normatizada pelo planejamento, uma “sociedade burocrática do consumo dirigido”, o filósofo faz uma crítica ferrenha ao esquecimento da categoria da apropriação,

“isto é, a obra – medíocre, ridícula às vezes, porém real – que se realiza contra e apesar das coações” (Lefebvre, 1969, p.110). Para ele, no interior dos conflitos entre o *concebido* (planejado, dominação) e o *vivido* (apropriação, obra) estão os buracos/fissuras pela qual passam novas forças, emergem iniciativas dos indivíduos através da criatividade, alertando sobre as possibilidades de apropriação.

Como destaca Lefebvre (1983), a teoria das representações em sua dialética da presença e ausência está relacionada com as condições de existência de quem as produziu. Para ele, introduzir a perspectiva de classe na teoria e no conceito de representações, implica a análise dos sujeitos em uma perspectiva crítica, em suas palavras “cabe tomar em cuenta las corrientes subterráneas, sin limitar la historia de las ideas e ideologias a los lideres, grandes nombres y grandes sistemas” (Lefebvre, 1983, p. 122).

Em nossas reflexões, verificamos que a perspectiva da dialética sócio-espacial e sua análise das representações sociais, presente na proposta de crítica da vida cotidiana, apresenta possibilidades de estudo dos agentes produtores do espaço, e seus conflitos, no âmbito das relações entre as ordens próxima e distante, tendo em vista o destaque aos choques entre os processos de dominação e as possibilidades de apropriação, contribuindo no que diz respeito ao estudo do ponto de vista dos vencidos na produção do espaço. Nas pala-

reiteradamente sugerida na obra de Marx e reaparece densamente na obra de Lefebvre. [...] Marx tinha de explicar como o mesmo processo de reprodução ampliada do capital assumia formas sociais diversificadas em lugares tão diferentes como a América escravista, a Irlanda e a Rússia camponesas, a Índia de antiga civilização, mas subjugada, com seu sistema de castas integrado na lógica capitalista do lucro e da razão.” (Martins, 2000, p.116)

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

vras de Lefebvre (1983, p.60), “El modo de existência de las representaciones sólo se concibe tomando en cuenta las condiciones de existência de tal o cual grupo, pueblo o classe”.

CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA COMO CRÍTICA DA GEOGRAFIA HUMANA

Para os Situacionistas, em sua revista *L'internationale situationniste* – (I.S), é da vida cotidiana que partem todos os projetos da economia, da política e da cultura para a ela voltar, adquirindo seu verdadeiro significado. Logo, para esses estrategos, a vida cotidiana, como momento normatizado pelo planejamento do espaço, em seu tempo pseudocíclico, é o território “da não-realização das relações humanas” (Internacional Situacionista, 1997, p.75).

Para eles, é da vida cotidiana que partem as experiências alienadas, que se expressam na passividade e na reificação, mas contraditoriamente também as desalienadas, possíveis para uma irrupção, como em de Maio de 1968 na França, quando estudantes e operários se uniram com a proposta de autogestão.

Não se trata de uma valorização da vida cotidiana ou de meramente uma tentativa de análise da mesma, mas da crítica da vida cotidiana, pois “a vida cotidiana não criticada significa agora o prolongamento das formas actuais, profundamente degradadas, da cultura e da política” (Internacional Situacionista, 1997, p.75). Em

sua argumentação apresentam o fetichismo da mercadoria¹⁸ e a reificação, como alienação da vida cotidiana, pois “o homem da vida cotidiana é o produto duma história que ele não controla” (Internacional Situacionista, 1997, p.77).

Trata-se do entendimento da modernidade, em seu momento contemporâneo, como uma acumulação de espetáculos, com o predomínio da passividade dos sujeitos perante a dominação abstrata da forma da mercadoria. A contemplação se apresenta como uma característica da modernidade que se amplia em diversos aspectos na sociedade do espetáculo, na qual a racionalidade da separação se apresenta no predomínio do ver e do parecer, em detrimento do ser.¹⁹ Para Debord (1997a, p. 19): “o espetáculo é o herdeiro de toda a fraqueza do projeto filosófico ocidental, que foi um modo de compreender a atividade dominada pelas categorias do ver”.

O espetáculo, como uma nova etapa de aprofundamento da dominação capitalista, amplia a lógica do fetichismo da mercadoria através da realização, sem obstáculos, dos seus desígnios. De acordo com Debord (1997a, p.18), a primeira fase de expansão da dominação econômica sobre a sociedade se caracterizou na passagem do ser para o ter, ao passo que “a fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer”.

Essa nova fase de dominação do capitalismo espetacular com o predomínio do ver e do

18. “O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido.” (Debord, 1997a, p. 28)
19. “A alienação do espectador em favor do objeto contemplado(o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive.” (Debord, 1997a, p24)

parecer, se caracteriza por uma economia-política que se materializou em imagens, pois “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997a, p.25). Por sua vez, Jappe (2014, pp.18-19) esclarece:

Mas, em Debord, a imagem não é um fator circunscrito, separado da totalidade social. O espetáculo está por todo o lado onde o vivido é substituído por uma representação, é toda a ocasião em que a contemplação passiva de uma ideia, de uma imagem (no sentido lato), substitui a vivência na primeira pessoa.

Ademais, Debord (1997a) apresenta uma diferenciação (e a unidade) relativa ao entendimento das formações econômico-sociais como espetacular concentrado e difuso. O espetacular concentrado se caracteriza pelas formações de capitalismo burocrático de tipo bolchevique e nazista, o primeiro ideologia de esquerda e o segundo ideologia de direita²⁰; já o espetacular difuso tem como exemplo o capitalismo desenvolvido nos Estados Unidos. No ano de 1988, ao escrever os “comentários sobre a sociedade do espetáculo”, Debord (1997b, p.172) apresenta o novo momento do espetáculo, que tende a se impor mundialmente: “uma terceira forma constitui-se a partir de então, pela combinação das duas anteriores, e na base geral de uma vitória da que se mostrou mais forte, mas difusa. Trata-se do espetacular integrado”.

Posto isso, a crítica ao modo de produção capitalista desenvolvida no livro sociedade do espetáculo – (SdE), tem como um de seus eixos centrais a crítica da separação, desdobrada em inúmeros aspectos como a separação entre sujeito e objeto, matéria e espírito, universa-

lidade e particularidade, a separação do produtor de sua obra, a reificação das relações sociais como relações entre coisas, o domínio de um tempo e espaço quantitativo sobre as possibilidades de um apropriação qualitativa, quando a separação impossibilita uma vida histórica plena.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência da separação, “o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real” (Debord, 1997a, p.138). Portanto, na busca de uma negação do espetáculo moderno, se encontra as possibilidades de resgate da memória e afirmação da práxis dos sujeitos alienados e em luta pela desalienação.²¹ A crítica da vida cotidiana surge como uma superação dialética, pois prioriza o sujeito ao invés do aquilo econômico. O sujeito da história só pode ser o novo produzindo a si mesmo, tomando consciência histórica da luta entre vencedores e vencidos, pois “o sujeito só pode emergir da sociedade, isto é, da luta que existe nela mesma” (Debord, 1997a, p. 35).

No plano do planejamento do espaço, o urbanismo espetacular é a técnica da separação por excelência, quando o território surge numa perspectiva abstrata²² de quantificação do vivo e valorização do morto. Trata-se de uma sociedade que modela tudo o que a cerca. Porquanto, o território como uma técnica de dominação do espaço se associa ao urbanismo na “tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capita-

20. De acordo com Gombin (1972), é fundamental diferenciar a burocratização dos regimes fascista e nazista da burocracia bolchevique. Nos regimes fascista e nazista, a burocracia se volta para a defesa da propriedade privada com forte ligação com a burguesia. No caso do regime bolchevique: “[...] a burocracia tem todos os atributos de uma classe proprietária: decide e orienta os investimentos, fixa os preços e os salários, nomeia e revoga os dirigentes locais e beneficia de um nível e de um modo de vida que, no ocidente, seriam apanágio da burguesia.” (Gombin, 1972, p.44).

21. “Não se trata, para Debord, de buscar uma fundamentação transcendental para a práxis comunicativa, mas sim de pensá-la fundada única e exclusivamente na práxis negativa em face do sistema único de alienações do mercado e do Estado, negatividade esta que a expressão poética moderna e as revoluções proletárias derrotadas, notadamente em suas experiências conselhistas e assembleárias, isto é, anti hierárquicas, teriam indicado.” (Aquino, 2006, p.144)

CONTINUA...

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

22. "A decisão autoritária, que planeja abstratamente o território como território da abstração, está bem evidente no centro das condições modernas de construção." (Debord, 1997a, p.114)
23. "O aparecimento dos conselhos [...] no novo momento da crítica proletária, [...] volta como o único aspecto não vencido do movimento vencido." (Debord, 1997a, p.84)

lismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário" (Debord, 1997a, p.112).

A cidade como lugar do encontro, da experiência vivida e da troca de experiências entre os usuários, como um espaço de apropriação criativa, está abalada, pois o urbanismo é a técnica da divisão do espaço em unidades equivalentes para troca universal no reino da mercadoria. Para Debord, o urbanismo se realiza no esforço de todos os poderes estabelecidos, desde as experiências da revolução francesa, para ampliar os meios de manter a ordem na rua, culminando afinal com a supressão da rua.

Contudo, em meio às condições do planejamento racionalista do espaço, com sua técnica de esquadramento do solo, conformando uma sociedade de espectadores perante a mercadoria, surgem as possibilidades de apropriação do espaço mediante a experiência e a crítica da vida cotidiana como uma crítica da geografia humana.

Esta, compreendendo a necessidade prática da produção do território pelos sujeitos sociais e da apropriação do tempo, como tempo livre, nega-se à perspectiva estrutural e sistêmica do planejamento do espaço. Nesse sentido, Debord (1997a, p.117) afirma: "A revolução proletária é a crítica da geografia humana através da qual os indivíduos e as comunidades devem construir os locais e os acontecimentos correspondentes à apropriação, já não apenas de seu trabalho, mas de sua história total".

Por isso, para Debord (1997a), a crítica da geografia humana, como possibilidade de apropriação do espaço e do tempo pelos sujeitos sociais, seria a prática mais revolucionária a respeito do urbanismo, "a decisão de reconstruir integralmente o território de acordo com as necessidades do poder dos Conselhos de trabalhadores²³, [...] do diálogo executório" (Debord, 1997a, p.118). Certamente, o poder dos conselhos, que só pode ser efetivo ao transformar a totalidade das condições existentes, não poderá adotar uma tarefa menor se quiser ser reconhecido e reconhecer a si mesmo em seu mundo.

A dominação do espaço pelo planejamento do território espetacular, ou seja, aquele cujo predomínio da contemplação das técnicas se dá de forma abstrata, se soma a constituição do tempo pseudocíclico de naturalização e negação da memória e da história dos sujeitos. Para Debord, o tempo cíclico é aquele tempo ligado à dinâmica da natureza e do tempo natural, um tempo sem conflito, ao passo que sob o capitalismo este é recuperado agora em sua forma pseudocíclica, em que o tempo absoluto da naturalização da história é tido como irreversível.

Para Debord, o tempo irreversível da produção é antes de tudo o tempo de medida das mercadorias, um tempo-mercadoria, é uma acumulação infinita de intervalos equivalentes, da mesma forma que o espaço, se apresenta como intercambiável pelas leis pseudonaturais da equivalência, em busca da supressão de suas dimensões

qualitativas.

O tempo pseudocíclico como uma abstração plena de sutilezas metafísicas, volta sobre a vida cotidiana como uma ordem pseudonatural, com a promessa de imutabilidade, “Nele, o vivido cotidiano fica privado de decisão e submetido, já não à ordem natural, mas à pseudonatureza desenvolvida no trabalho alienado” (Debord, 1997a, p.104). O caráter cíclico se reconstitui no cotidiano, o trabalho morto continua a dominar o trabalho vivo.

O tempo irreversível e histórico só pode ser contemplado nas ações de outrem, mas nunca experimentado na sua própria vida. O que o indivíduo realmente pode viver no seu cotidiano é estranho ao tempo oficial e permanece incompreendido, pois, “o espetáculo, cuja função é fazer esquecer a história na cultura” (Debord, 1997a, p.126), cumpre sua missão de apagar a memória do vivido em detrimento dos grandes fatos do tempo oficial do movimento das mercadorias, ou seja, da contemplação.

Nesse movimento, como outro lado do desenvolvimento do tempo universal das mercadorias, a vida individual permanece sem história²⁴, esse vivido individual da vida cotidiana separada fica sem linguagem, “sem conceito, sem acesso crítico a seu próprio passado, não registrado em lugar algum. [...] É incompreendido e esquecido em proveito da falsa memória espetacular do não-memorável” (Debord, 1997a, p. 107).

Desse modo, uma das artimanhas do espetáculo, como

movimento abstrato de autovvalorização e posituação da dominação, é a negação da história vivida e experienciada pelos vencidos, uma negação da memória e dos fios processuais que compõem sua produção social. Em suas palavras, “o espetáculo, como organização social da paralisia da história e da memória, do abandono da história que se erige sobre a base do tempo histórico, é a falsa consciência do tempo” (Debord, 1997a, p.108).

A despeito da dimensão absoluta e irreversível da dominação espetacular na vida cotidiana, os situacionistas propõem, dialeticamente, como práxis radical, a construção de situações em uma utopia experimental, como negação do planejamento do espaço e do tempo pseudocíclico contemplativo.

Em outras palavras, “uma construção experimental da vida cotidiana, enquanto liberdade no emprego do tempo, não é possível [...] sem a posse dos instrumentos modernos de construção da vida cotidiana” (Aquino, 2006, pp. 59-60). Para os Situacionistas, trata-se de uma experiência cotidiana vivenciada como contraditória pelos indivíduos.

Os Situacionistas, em busca de uma ruptura com o tempo e o espaço de contemplação espetacular, identificam na experimentação do espaço-tempo da práxis dos círculos artísticos uma reviravolta na reificação da vida moderna²⁵, para eles “a actividade artística fora sempre a única a dar conta dos problemas clandestinos da vida cotidiana, embora de maneira ve-

24. “A racionalidade abstrata própria da economia mercantil com seu tempo abstrato e quantitativo, organiza a vida cotidiana de tal forma que, ao impedir a atividade do indivíduo, fazendo-o espectador de sua própria vida, impede-o também de deparar-se com a ameaça do esquecimento ou com a importância do memorável.” (Aquino, 2006, p.66)

25. “Os grandes artistas foram também grande profetas revolucionários: Lautreamont, Rimbaud, que ultrapassaram a sua época na e pela sua obra. Trata-se de retomar esse fio que, depois, se perdeu (pois que a obra de arte moderna se tornou uma mercadoria como qualquer outra). A contestação será uma procura dessa linguagem artística, e o motivo por que será antes de mais uma revolução cultural. O Dadaísmo e o surrealismo começaram a destruir a linguagem (alienada) antiga: mas não souberam encontrar uma nova linguagem, não souberam criar um estilo de vida.” (Gombin, 1972, p.93)

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

26. “Para Debord, a afirmação surrealista da “soberania do desejo”, e da “surpresa”, sintetizada na proposta de um “novo uso da vida”, mesmo em face do capitalismo do segundo pós-guerra, possui possibilidades construtivas, que não podem ser abandonadas momentaneamente no que tais afirmação e proposta significam de negação da reificação, dos imperativos práticos e do conseqüente estreitamento da experiência vital. Contudo, devem ser pensadas com base num fundamento teórico diferente do posto pelo próprio surrealismo. Esta base é precisamente a relação dialético-materialista entre os desejos da época e os meios materiais de sua realização, relação essencial a toda reflexão estética e social de Debord. [...] o erro que está na raiz do surrealismo, diz Debord, é a ideia da riqueza infinita do inconsciente. A causa do fracasso ideológico do surrealismo é haver apostado que o inconsciente era a grande força, finalmente descoberta da vida.”(Aquino, 2006, pp.96-97)
27. “Se a poesia se encontra extinta nos livros, agora existe <na forma das cidades>, <está estampada nos rostos>. E não nos devemos limitar a procura-la onde se encontra: a nova

lada, deformada e parcialmente ilusória” (Internacional Situacionista, 1997, p.81).

Podemos dizer que aqueles que captaram sua riqueza na crítica do urbanismo como uma crítica da vida cotidiana, primeiramente ainda nos 1950, foram os círculos artísticos herdeiros do surrealismo, primeiro da Internacional Letrista, depois Situacionistas. Os grupos artísticos que se fundiram na criação da Internacional Situacionista²⁶ tinham em comum a convicção de que o mundo inteiro deve primeiro ser desmontado para depois ser reconstruído, já não sob o signo da economia, mas sob o da criatividade generalizada²⁷.

Contudo, diferente dos Surrealistas, os Letristas e depois os Situacionistas, não esperam muito dos sonhos ou do inconsciente, mas sim da necessidade de refazer a própria realidade²⁸. Para eles, “a atividade permite a participação do indivíduo no mundo: a arte foi sempre a mais alta forma do trabalho criador” (Gombin, 1972, p.93).

A despeito da dimensão criativa e experimental da construção de situações, os Situacionistas propõem uma cartografia das experiências urbanas na esteira de sua crítica da geografia humana, compreendendo que a construção de situações como uma prática espacial aos poucos pode se generalizar no movimento de reapropriação do espaço urbano, como no exemplo do Maio de 1968 francês²⁹.

Em suas palavras, “entre diversos meios de intervenção muito difíceis, parece apropriada uma cartografia renovada

para sua utilização imediata” (Internacional Situacionista, 2007, p.44). Contudo, como uma crítica da vida cotidiana que é, “uma tal investigação só tem sentido para indivíduos que actuem, na prática, com vistas a uma construção de situações” (Internacional Situacionista, 1997, p.24).

Tal perspectiva vai receber o nome de psicogeografia, sendo identificada como “estudo dos efeitos exactos do meio geográfico conscientemente ordenado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afectivo dos indivíduos” (Internacional Situacionista, 2007, p.27). Trata-se da observação sistemática dos efeitos produzidos pelos diferentes ambientes urbanos sobre o estado de espírito, através da técnica da deriva, compreendida como modelo experimental de aproximação do espaço social³⁰.

A elaboração de mapas psicogeográficos visa contribuir precisamente na reapresentação do espaço urbano em uma perspectiva insubmissa, ressaltando os espaços negligenciados pela lógica capitalista espetacular, aqueles degradados que apresentam como a riqueza a criatividade de uma vida nas margens, negando a exposição estrutural do tempo e espaço absoluto da vida cotidiana normalizada³¹.

De acordo com a Internacional Situacionista (2007, p. 41): “a mudança repentina de ambientes em uma mesma rua; a clara divisão de uma cidade em zonas de distintas atmosferas psíquicas [...] o caráter de atração ou repulsão de cer-

CONTINUA...

Rodrigo José de Góis Queiroz

tos espaços: tudo isso parece ser ignorado”. Trata-se de uma metodologia que articula o pensamento à ação, utilizada por Damiani (2008) em seus trabalhos de campo, na busca de uma aproximação e subjetivação possível no âmbito dos espaços de opressão.

Para McDowell (1996) os estudos de Geografia cultural sobre a cidade apresentam uma influência das teorias da crítica da vida cotidiana, especialmente Situacionista, entendendo a cidade como um espetáculo da passividade, um aglomerado de estranhos, em que as “relações e as disposições espaciais não são fixas, mas mudam e são diferencialmente vivenciadas por grupos sociais e indivíduos ao longo do tempo” (McDowell, 1996, p.166).

Quando a Internacional Situacionista termina em 1972, Guy Debord “comentaria mais tarde que o trabalho significativo do grupo tinha sido feito pelo final dos anos 1950, a chave táctica já existente” (Smith, 2010, p.104)³², a deriva, as explorações, “vaguear sem destino nas ruas das cidades mapeando ambientes” (Smith, 2010, p.104)³³. Nas palavras de Smith, 2010, p. 104: através da “psicogeografia, o mapeamento e a descrição do que normalmente seria tomado por associações subjetivas e emoções arraigadas na estrutura urbana, passa a ser tratado como uma textura que provoca efeitos sobre as pessoas nesses espaços”³⁴.

Desta forma, Damiani (2008) argumenta que para os Situacionistas, o exercício psi-

cogeográfico acorda o sujeito “para os limites de sua relação com o corpo e com o espaço e, ao mesmo tempo, é a busca de uma relação possível com o espaço sem ser alienante, numa geografia relativa sem fins últimos” (Damiani, 2008, p.298). No âmbito desta metodologia, “pode-se compor, com a ajuda de mapas velhos, de fotografias aéreas e de derivas experimentais, uma cartografia influencial que faltava até o momento” (Internacional Situacionista, 2007, p.77).

Para Smith (2010, p. 104), contudo, as possibilidades construtivas do espaço se esbarram nos banhos de fantasmagorias do espetáculo contemporâneo, tendo em vista: “a re-territorialização do capital em que a ideologia, no sentido marxista de imagens e ideias, em última instância, serve e reproduz os interesses da classe que possui capital, tornando-se a própria substância e mecânica da produção de mais-valia”³⁵.

Por outro lado, a crítica do espetáculo deve compreender que as possibilidades de um espaço social emancipado, como uma comunidade genuína em diálogo genuíno, só pode existir quando cada indivíduo, através de suas experiências diretas, contribuir na construção do espaço, “quando toda a gente tem a sua disposição os meios práticos intelectuais necessários para resolver os problemas” (Smith, 2010, p.118)³⁶. Assim, de acordo com Smith (2010), a tática psicogeográfica de apropriação e resistência tem sentido quando empregadas no sentido revolucionário.

beleza será de situação.” (Jappe, 2008, p. 79)

28. “A direção realmente experimental da actividade situacionista consiste em estabelecer, a partir de desejos mais ou menos claramente reconhecidos, um campo de actividade temporária favorável a estes desejos.” (Internacional Situacionista, 1997, p. 23)
29. “A utopia é esse possível-impossível que permitirá a realização da poesia.” (Gombin, 1972, p.100-101)
30. “É pois necessário encarmos uma espécie de psicanálise com fins situacionistas, devendo cada participante nesta aventura formular desejos precisos de ambientes para os realizar” (Internacional Situacionista, 2007, p.24)
31. “As pessoas são conscientes de que alguns bairros são tristes e outros agradáveis. Mas geralmente assumem simplesmente que as ruas elegantes causam um sentimento de satisfação e as ruas pobres são deprimentes.” (Internacional Situacionista, 2007, p.42)
32. “He would remark later that the significant work of the group had been done by the late 1950s, the key tactics already in place.” (Smith, 2010, p.104)

CONTINUA...

GEOGRAFARCS 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709

33. "destinationless wander through city streets, detectind and mapping ambiances"(Smith, 2010, p. 104)
34. "Psychogeography, the mapping and describing of what would usually be taken for 'subjective' associations and emotions ingrained in the urban structure and texture and their effect upon people in those spaces."(Smith, 2010, p. 104)
35. "A re-territorializing of capital in which ideology, in the Marxist sense of images and ideas in the last instance serving and reproducing the interests of a capital-owning class, became itself the very substance and mechanics of the production surplus value" (Smith, 2010, p. 104)
36. "when everyone has at their disposal the practical and intelectual means needed to solve problems."(Smith, 2010, p.118)
37. Ver: Gombin (1972); Lefebvre (1969; 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como campo de estudos científico, a Geografia, em compasso com a teoria social crítica, vem desenvolvendo uma leitura processual da produção do espaço, no qual os conflitos e relações de poder entre agentes de diferentes classes aparece como central, desmistificando o entendimento do espaço como um ente fixo e imutável. Descobriu-se que o planejamento do espaço visa à normatização da vida cotidiana, através da produção da passividade dos sujeitos perante a dominação abstrata da forma da mercadoria, que se generalizou para a sociedade inteira, conformando um espaço de não realização da vida humana.

Por outro lado, o levantamento de elementos para o debate sobre a crítica da vida cotidiana, que apresentamos neste artigo, faz coro com as leituras que buscam desnaturalizar o processo de produção capitalista do espaço, identificando os mecanismos de dominação, em suas sutilezas ideológicas, mas salientando as possibilidades de criar um espaço metamorfoseado, com a prevalência do uso, aberto para as inúmeras possibilidades criativas da sociedade humana. A palavra de ordem "transformar o mundo e mudar a vida"³⁷ está no centro da crítica da vida cotidiana, mas só pode entrar em vigência com a abertura de possibilidades para a produção do espaço como uma obra.

As contribuições de Lefebvre e dos Situacionistas, no tocante a crítica da vida cotidiana,

destacam a perspectiva artística como aquela mais próxima do sensível, que consegue captar as transformações espaciais em suas peculiaridades, de forma mais nítida, chegando a perscrutar minúcias que as ciências instrumentais menosprezam, desde a cultura, passando pela política e economia. Nesse sentido, a leitura da totalidade aparece como uma articulação entre as dimensões do universal, particular e singular, ressaltando o papel do indivíduo na produção do espaço. Assim, as dimensões da experiência socioespacial, desde aquelas concebidas até aquelas vividas, são analisadas de forma dialética, valorizando a experiência e as possibilidades de pesquisa empírica.

Desta maneira, se faz premente uma crítica prática da sociedade do espetáculo, no qual os indivíduos consigam superar a contemplação de imagens exteriorizadas do mundo da mercadoria, no caminho de uma participação ativa na produção do espaço e, conseqüentemente, uma apropriação do mesmo. Com isso, a crítica da geografia humana, como uma crítica da vida cotidiana planejada, propõe práticas espaciais que venham a intervir de forma conseqüente na produção do espaço, generalizando a crítica da contemplação do movimento das mercadorias. O resgate da memória política e da identidade espacial das classes oprimidas é um forte fermento da crítica da vida cotidiana, que busca uma intervenção possível no interior dos conflitos que impedem a generalização do valor de uso na produção do espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. *Reificação e Linguagem em Guy Debord*. Fortaleza, Eduece, 2006.

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. Edusp, São Paulo, 1994. p. 199-322.

DAMIANI, Amélia. *Espaço e Geografia: observações de método: Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, com vistas à realização de Concurso de Livre-Docência em Geografia Urbana, 2008.

_____. *A cidade (des)ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional Itaquera I*. Tese de doutorado, Pós-graduação em Geografia Humana, FFLCH, USP, 1993.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997a.

_____. *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997b.

GOMBIN, Richard. *A crítica da vida cotidiana*. In: *As origens do esquerdismo*. Publicações dom quixote, 1972.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1997.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Antologia*. Edições antigona, Lisboa, 1997.

_____. *Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário*. Porto Alegre, Ed. Deriva, 2007.

JAPPE, Anselm. Guy Debord. Edições antigona, Lisboa, 2008.

_____. *Uma conspiração permanente contra o mundo: reflexões sobre Guy Debord e os Situacionistas*. Edições antigona, Lisboa, 2014.

KURZ, Robert. *Razão Sangrenta. Ensaio sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e seus valores ocidentais*. São Paulo: Hedra, 2010.

LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 19ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEFEBVRE, Henri. Posição: contra os tecnocratas. São Paulo: Editora Documentos LTDA, 1969.

_____. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. São Paulo, Ática, 1991.

_____. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

_____. A práxis. IN: Sociologia de Marx. 2º ed. brasileira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

_____. Sobre uma interpretação do marxismo: Louis Althusser. In: LEFEBVRE, Henri; GOLDMANN, Lucien; MAKARIUS, R e L. Debate sobre o estruturalismo: uma questão de ideologia. São Paulo: Editora Documentos, 1968.

_____. La presencia y la ausencia: contribucion a la teoria de las representaciones. Fondo de cultura econômica, México, 1983.

_____. La producción del espacio. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. 2ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República velha. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, O. C. F. Introdução. In: HORKHEIMER, Max. Teoria crítica: uma documentação. Edusp, 2006.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

SEABRA, Odette. O pensamento de Henri Lefebvre e a geografia. In: Boletim Paulista de Geografia, n. 74, 1994.

SMITH, Phil. The contemporary derive: a partial review of issues concerning the contemporary practice of psychogeography. In: Cultural Geographies 17(1) 103-122. 2010.

SOJA, Edward. Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. RJ: Jorge Zahar Ed. ,1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709